

*Apresentados à graça de Deus –
expostos batizados na Freguesia Madre de Deus de Porto Alegre*

Jonathan Fachini da Silva*

Resumo. Este trabalho tem por objetivo abordar o batismo de expostos na Freguesia Madre de Deus de Porto Alegre (1772-1837). Para uma sociedade do Antigo Regime alicerçada sobre um Padroado régio, o batismo é o sacramento mais importante para o cristão, através dele o homem apaga o pecado original que renasce e ganha uma nova família espiritual. Essa porta de entrada para o mundo católico representa também a entrada na sociedade, patriarcal e hierarquizada. Esse elo entre o sagrado e o profano é mediado pelos padrinhos que exercem tanto funções espirituais quanto funções sociais e políticas. Pretendo assim, discutir a importância desse sacramento e dos padrinhos para as crianças expostas que foram batizadas em Porto Alegre antes da institucionalização da Roda dos expostos em 1838. A partir do cruzamento nominativo de fontes de cunho eclesiástico, pretendo contribuir para os estudos da infância abandonada e das relações de compadrio tão recorrentes na historiografia nacional.

Palavras-chave: infância abandonada; padrinhos; Freguesia Madre de Deus;

Presented to the grace of God - Exposed baptized at Mother of God Parish in Porto Alegre

Abstract. This work aims to address the baptism of exposed Parish in Madre de Deus in Porto Alegre (1772-1837). For a society of the ancien regime founded on a royal patronage, baptism is the sacrament more important for the Christian, through his man erases original sin and reborn gets a new spiritual family. This gateway to the Catholic world is also entering into society, patriarchal and hierarchical. This link between the sacred and the profane is mediated by patrons who exercise spiritual functions as both social and political functions. I intend therefore to discuss the importance of this sacrament and godparents to children exposed who have been baptized in Porto Alegre before the institutionalization of Wheel exposed in 1837. From the intersection of verbal sources of ecclesiastical die, I want to contribute to the studies of abandoned children and relations of cronyism as plaintiffs in national historiography.

Keywords: abandoned children; godparents; Freguesia Madre de Deus

O abandono infantil é um fenômeno presente na História do Brasil, da colônia ao Império essa ação foi amplamente difundida e praticada. A historiografia tem demonstrado que o abandono de crianças esteve presente praticamente em todo o território brasileiro. Mesmo nos dias de hoje não é raro depararmos com notícias sobre abandono infantil ou em tristes casos, infanticídios em nossos jornais diários. Entretanto, diferente de um infanticídio qualificado o abandono infantil no passado colonial estava carregado de significados e circunstâncias que fizeram com que famílias

* Mestrando - Bolsista CNPq - PPG-História/UNISINOS. Co-editor da Revista Brasileira de História & Ciências Sociais (ISSN: 2175-3423) - Qualis Capes B1. Graduando Filosofia - UNISINOS

optassem por abandonar seu filho num lugar apropriado para esse fim, como as Roda de Expostos¹ ou na porta de uma casa, onde a intenção evidente era a salvaguarda da criança.

No vocabulário da época estas crianças abandonadas eram denominadas *expostas*, ou também se utilizava a expressão *enjeitada*. Segundo o verbete do *Diccionario da Língua Portuguesa*, organizado pelo filólogo Antônio de Moraes Silva (1755-1824), a palavra *Exposto* aparece como uma derivação do verbo latino *Exponére*, que significa, dentre as várias acepções, “*expor uma criança, engeital-a; Expor a vida, arriscal-a, pol-a em perigo*”. No *Vocabulario portuguez e latino* de Raphael Bluteau organizado entre os anos de 1712 à 1721, nos tomos de adágios temos a seguinte explicação acerca do termo *enjeitado*:

Menino engeitado, he o que desamparado de seus pays, e exposto no adro de huma Igreja, ou deixado no lumiar de um Convento, ou de pessoa particular, ou depositado no campo a Deos, e à ventura...(BLUTEAU, 1712-1721)

Visto que o fenômeno do abandono infantil migrou da metrópole portuguesa, e mesmo na Europa se tem registro do abandono infantil desde os primórdios medievais. Assim as medidas tomadas para resgatar estas crianças também seguem a matriz lusitana, até porque a exposição no Brasil foi muito mais intensa, ganhando dimensões muito amplas, o mesmo que Portugal comparado a outros Estados europeus.² Seguindo a legislação portuguesa ficava a cargo das Câmaras municipais o custeio com a criação e vestuário dos abandonados, apesar delas se mostrarem omissas em algumas localidades, em outras a Câmara municipal delegava as Santas Casas a responsabilidade pelo abrigo e criação dos expostos, onde era acoplada a Roda dos expostos nas dependências da misericórdia, de qualquer maneira, a Câmara continuava responsável cobrindo eventuais custos.

Em Portugal, as Santas Casas de Misericórdia, constituídas pelas irmandades religiosas ou confrarias formadas por homens de grande poder aquisitivo e prestígio na

¹ O nome Roda – dado por extensão à casa dos expostos – provém do dispositivo de madeira onde se depositava o bebê. De forma cilíndrica e com uma divisória no meio, esse dispositivo era fixado no muro ou na janela da instituição. No tabuleiro inferior da parte externa, o expositor colocava a criancinha que enjeitava, girava a Roda e puxava um cordão com uma sineta para avisar à vigilante – ou Rodeira- que um bebê acabara de ser abandonado, retirando-se furtivamente do local, sem ser reconhecido. (MARCÍLIO, 1998, pág.56).

² Recentes estudos tem demonstrado que Portugal não se adequaria ao *modelo demográfico europeu de baixa ilegitimidade*., principalmente no norte de Portugal onde encontra-se índices de 20% de ilegitimidade em diversas localidades no século XVIII. Cf. SCOTT; BACELLAR; (2010, p.59-60).

sociedade portuguesa do Antigo Regime, ganhavam força, tornando-se a principal rede de assistência às crianças abandonadas. Entretanto no Brasil as Rodas de Expostos ficaram restritas a grandes centros populacionais. Ao longo do período colonial, por exemplo, apenas três estiveram em funcionamento, todas somente no século XVIII, a de Salvador (1726), Rio de Janeiro (1738) e Recife (1789).

A Freguesia Madre de Deus de Porto Alegre pode ser descrita neste contexto, fundada em 1772, foi um importante centro administrativo da Província, devido seu Porto, foi um local privilegiado para circulação de pessoas e um grande fluxo de mercadorias. Pela sua localização estratégica tornou-se sede da capitânia mesmo antes de tornar-se Vila em 1810. Entretanto, nessa dinâmica Freguesia, apenas em 1838 foi institucionalizada a Roda dos Expostos, e nesse período a prática mais recorrente foi abandonar os pequeninos na soleira de uma porta de outra família local.

E este fenômeno se fez presente desde a fundação da Freguesia Madre de Deus, com percentuais muito significativos, cerca de 30 % das crianças batizadas pertence ao universo da ilegitimidade. Quanto aos expostos o crescimento do abandono foi significativo comparando os anos iniciais de formação da Madre de Deus com a virada do século XIX, onde os índices alcançam 7% e quase 8%.

Tabela I - Batismos por condição de legitimidade (%) ³

Década	Legít.	Ilegít.	Exposto	N/D
1770-79	66,3	29,4	0,8	3,5
1780-89	66,7	30,4	2,6	0,4
1790-99	68,2	26,0	3,3	2,5
1800-09	77,4	15,6	6,1	0,9
1810-19	72,5	19,5	6,9	1,1
1820-29	69,9	21,4	7,7	1,0
Total	71,3	22,0	5,3	1,3

Fonte: Elaboração dos autores a partir do Banco de dados da Madre de Deus

Apesar desta forma de abandono domiciliar ser a mais recorrente em terras brasileiras é ainda a menos explorada pela historiografia, grande parte dos estudos tem privilegiado o abandono institucional, no caso, as Rodas de Expostos. Apenas recentemente começam a pipocar alguns trabalhos que se aventuraram a tratar a criança

³ A tabela contabiliza apenas até a data de 1829 devido ao processo de construção do banco de dados que não se encontra finalizado. Foi extraída de: SCOTT, A. S. V. e tal. Família, gênero e geração: limites e possibilidades a partir de um estudo sobre o sul da América Portuguesa nos anos Setecentos. In: III Congresso Latinoamericano de Población, 2008, Cordoba. III Congreso Latinoamericano de Población - *La población de América latina y el Caribe: retos en torno de la dedigualdad y la diversidad*. Cordoba: Alap Asociación Latinoamericana de Población, 2008.

abandonada em áreas onde havia ausência de uma instituição de amparo. Estes trabalhos podem ser conferidos na obra organizada por Renato Pinto Venâncio (2010).

Para o caso de Porto Alegre há ainda um grande silêncio sobre o tema, salvo o clássico trabalho de Jurema M. Gertze (1990) que explorou a criação dos abandonados na Roda de Expostos de Porto Alegre. Neste sentido, utilizando o cruzamento nominativo de fontes, seguindo o “fio de Ariadne”,⁴ embasado pela história da Infância e da Família, pretendo contribuir para o avanço dos estudos da infância abandonada, pensando numa questão que parece ser chave, com quem ficavam essas crianças? Quem às apadrinhava no momento do batismo? O que significava apadrinhar um exposto? Quais foram os motivos que impulsionaram o abandono? Não é de minha pretensão esgotar essas questões, mas trazer alguns casos encontrados que me pareceram pertinentes a compartilhar.

Entretanto, antes quero ressaltar ao leitor a importância do batismo católico e o contexto religioso do período estudado, bem como a relevância e papel do apadrinhamento para aquela sociedade, subsídios que nos possibilitam compreender o locus dessa análise e, os batismos de expostos em Porto Alegre.

A importância do Sacramento do Batismo

“Em verdade, em verdade te digo, quem não renascer da água e do Espírito não poderá entrar no Reino de Deus” (JO 3:5).

O batismo é de todos os Sacramentos, o mais importante para o cristão, através dele o homem apaga o pecado original recebendo a oportunidade de uma vida eterna, assim, no ato batismo o sujeito renasce e ganha uma nova família espiritual. O batismo é a inserção do sujeito na sociedade católica, essa inserção extrapola os significados sagrados, pois também questões políticas e sociais estavam intrínsecas no batismo. O Historiador Martin Dreher mostrou que desde a ascensão do cristianismo no Império Romano o batismo teve esse caráter de remissão dos pecados e inserção na comunidade.

O batismo relaciona o batizado com o ressurreto e com os demais batizados e os discípulos que haviam recebido o Espírito Santo, em pentecostes, sem o batismo, Através do batismo, o batizando é distinguido do restante de Israel. Ele passa a fazer, com os demais batizados, parte de um grupo próprio: a Igreja. (DREHER, 2002, p.20).

⁴ Cf. GINZBURG, Carlo. O fio e os rastros. Verdadeiro, falso, fictício. Tradução de Rosa Freire d’Aguiar e Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, 454p.

O que nos faz pensar a importância do batismo numa sociedade em que Igreja está em aliança com o Estado, o Padroado régio.⁵ Dessa forma, ser batizado era entrar não só no mundo católico, mas no sistema vigente da sociedade portuguesa. Neste sentido os párocos passavam a exercer funções públicas e o registro de Batismo ganhava a característica de um documento comprobatório, por vezes o único que o sujeito tinha para provar sua origem. Esse passaporte para o mundo católico representa também a entrada na sociedade patriarcal, hierarquizada e masculinizada:

O primeiro nascimento (o biológico) era dominado por mulheres: mães parteiras e santas como Nossa Senhora do Parto ou das Dores ou a Nossa Senhora da Conceição. O renascimento situa a criança na comunidade fora do mundo feminino; o batismo é a entrada na comunidade religiosa e moral, o mundo dominado por homens. E esta transformação acontecia dentro de uma Igreja dominada, nos seus aspectos burocráticos por homens. Era um ato cheio de simbolismo para a comunidade (RAMOS, 2004, p. 50).

Estas questões levantadas trazem certa segurança para o pesquisador que se aventura pelos registros paroquiais de batismo, pois batizar uma criança era de fundamental importância, religiosa, pois era a garantia do paraíso frente aos altos índices de mortalidade infantil; e social pela apresentação da criança e elos com o parentesco espiritual dos padrinhos. Para termos dimensão dessa importância, as *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia de 1707*, que nada mais eram que o código normativo da moral, aplicado pela Igreja para o período, deixam imposto à necessidade de batizar a criança no máximo oito dias após o seu nascimento sob o pagamento de uma pena se não cumprindo tal conduto.

Como seja muito perigoso dilatar o Baptismo das crianças com o qual paixão do estado da culpa ao da graça , e morrendo sem elle perdem a salvação, mandamos conformando-nos com o costume universal do nosso Reino, que sejam baptizadas até os oito dias depois de nascidas; e que seu pai, ou mãe, ou quem dellas tiver cuidado, as fação baptizar nas pias baptismaes das Parochias, d’onde forem freguezes; e não cumprindo assim pagarão dez tostões para a fabrica da nossa Sé, a Igreja Parochial. E se em outros oito dias seguintes se não fizerem baptizar, pagarão a mesma pena em dobro, e o Parocho os evitara dos

⁵ A organização da Igreja no Brasil entre 1550-1800 era em grande parte controlada pelo Padroado, uma prerrogativa da Coroa portuguesa baseada no fato do rei ser grão-mestre de três tradicionais ordens militares e religiosas de Portugal (...). O direito de padroado foi cedido pelo papa ao rei português com a incumbência de promover a organização da Igreja nas Terras “descobertas”, de sorte que foi por intermédio deste Padroado que a expansão do catolicismo no Brasil foi financiada. O Estado português ainda dispunha de outros mecanismos para controlar a Igreja, como “Mesa de Ordens”, que procedia às nomeações eclesiásticas, e o Conselho Ultramarino, que dava pareceres em questões de direito colonial. Com a predominância do Padroado régio a influencia de Roma sobre o Brasil foi mínima. (HOORNAERT, 1994, p.12).

Officios Divinos até com effeito ser a criança baptizada: e perseverando em sua negligencia nos dará conta para serem mais gravemente castigados. (CPAB, Livro I, Título XI). [grifos meus]

Percebe-se que a responsabilidade de batizar a criança recaía aquele que a estivesse em mãos, não sendo necessariamente o pai e a mãe, é o que acontece com as crianças expostas. Quando a criança era abandonada, a primeira ação de quem a acolheu era batiza-la, independente se a criança já fora batizada ou não. Nesses casos específicos se aplicava o Batismo Condicional, em que o Pároco repetia as seguintes palavras: “Si non es batizatus, vel baptizata, Ego te baptizo in nomini Patris, et Filii, et Spiritus Sancti. Amem”.⁶

Quanto aos padrinhos sugeridos na cerimônia do batismo, as Constituições determinavam que devesse ser escolhido apenas um Padrinho de idade mínima de quatorze anos e uma madrinha de idade mínima de doze anos. Ficava impedido de apadrinhar, os próprios pais da criança, heréges, infiéis ou excomungados, também qualquer membro do clero regular, devido seu voto de pobreza, o que impediria de sustenta-la caso houvesse tal necessidade.

Aos ditos padrinhos, como ficão sendo fiadores para com Deus pela perseverança do batizado na Fé, e como por serem seus pais espirituais, tem a obrigação de lhes ensinar a Doutrina Cristão, e bons costumes. (CPAB. Livro I, Título XVIII).

Visto a importância do sacramento do Batismo e as exigências e importância do apadrinhamento regida pela normativa eclesiástica, cabe então percebermos como a historiografia tem tratado o tema para então darmos uma atenção especial para os casos encontrados na Freguesia Madre de Deus de Porto Alegre.

Apadrinhando expostos na Freguesia da Madre de Deus de Porto Alegre

A historiografia nacional há muito vem explorando as relações de compadrio no período colonial e Imperial, estudos tem demonstrado cada vez mais a importância do apadrinhamento para a sociedade brasileira desse período. O historiador Donald Ramos (2004, 48-49), muito bem denomina essas relações de compadrios como *teias sagradas e profanas*. Sagradas porque foram geradas no ato do batismo, um ritual repleto de significados como podemos ver, e profanas porque os padrinhos são o elo social com a comunidade, uma sociedade marcada por valores do Antigo Regime fortemente

⁶ Se estas batizado, não te batizo outra vez; mas se ainda não estás batizado, eu te batizo em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém. (CPAB, Livro I, Título XV)

hierarquizada.

Por este viés, as pesquisas no âmbito da História da Família que exploraram as relações de compadrio, têm focado principalmente famílias abastadas, e outro caminho que também vem sendo percorrido é de mostrar essas relações de compadrio no âmbito da Família escrava. Pensando no extremo sul do Brasil, os estudos realizados têm mostrado essas mesmas tendências. Cabe ressaltar aqui, o trabalho de Fábio Kuhn (2006, p.230) que nos salienta que a escolha dos padrinhos refletia diversas estratégias dos envolvidos, proporcionando a criação de “laços de solidariedade social tanto horizontalmente, unindo membros da mesma classe social, quanto verticalmente, ao unir pessoas de diferentes grupos sociais”. Uma instituição que colocava os afilhados em relação aos padrinhos numa posição privilegiada tanto da perspectiva espiritual, mas, sobretudo, social.

Ainda outro trabalho de grande relevância é o de Luis A. Farinatti (2007, p 208) que nos alega que havia uma rede parental que se estendia para além dos limites da co-residência. Ela também não se restringia aos vínculos de sangue, pois ela podia englobar os parentescos criados “por alianças e relações fictícias”, tais como o casamento e compadrio.

Entendendo que para famílias de elite o compadrio era então o desencadeamento de uma rede de interesses clientelistas ou para famílias escravas formas de relações tanto verticais como horizontais, mas relações que tinham uma racionalidade que poderia beneficiar ou amenizar a relação de senhor e escravo como pano de fundo. Voltando o tema para nosso objeto de pesquisa, as crianças expostas, cabe nos perguntar: Quem apadrinhava os expostos? E que interesses estavam por trás dessas relações? Alguns casos encontrados nas atas de batismo da Freguesia Madre de Deus de Porto Alegre são dignos de análise, pois, trazem perspectivas variadas.

É o caso de *Dona Ana Marques de Sampaio*, moradora da Freguesia Madre de Deus, terceira filha do *cirurgião-mor* Manuel Marques de Sampaio e de *Dona Clemência*. O pai Manuel Marques de Sampaio ainda integrou a Câmara de vereadores de Porto Alegre o início do século XIX. Trata-se de uma família de prestígio social visto que conforme os valores compartilhados no Antigo regime os atributos sociais são indicativos de *status*.⁷ A questão é que no dia dezoito de janeiro de 1789 a exposta de

⁷ COMISSOLI, Adriano. *Os “homens bons” e a Câmara Municipal de Porto Alegre (1767-1808)*. Porto Alegre: Câmara Municipal de Porto Alegre, 2008, p.75.

nome Maria fora abandonada na casa de Manuel Marques de Sampaio, dois dias depois a criança foi batizada tendo como padrinhos o próprio *cirurgão-mor* e sua filha Ana Marques de Sampaio.

Ao longo do período estudado o exposta Maria foi a primeira em que Ana Marques de Sampaio apadrinha, neste caso junto de seu pai, interessante é recorrência em que ela apadrinhará e receberá expostos. No início do século XIX ela ainda irá apadrinhar e receber outros cinco expostos:

Tabela II: Os expostos de Dona Ana Marques de Sampaio

Data do Batismo	Nome do exposto	Padrinhos
02/04/1818	Ritta	Joze Rodrigues de Oliveira
		Floribella Cherobina de Sampaio
14/07/1821	Antonio	Jose Thomas de Lima
		Dona Ana Marques de Sampaio
19/03/1822	Duarte	Alfares Patrício Correa da Câmara
		Floribella Cherobina de Sampaio
01/07/1824	Antonio	Cônego Vigário Geral Antonio Vieira da Soledade
		Dona Ana Marques de Sampaio
29/07/1826	Jozefa	Antonio Joze de Oliveira Guimarães
		Dona Francisca Cândida de Souza

Fonte: Arquivo Histórico Cúria Metropolitana de Porto Alegre. Livro V-VI de Batismo da população livre da paróquia Madre de Deus de Porto Alegre.

O caso de *Dona Ana Marques de Sampaio* mostra evidentemente uma relação assimétrica, os expostos que recebeu em sua casa foram apadrinhados por ela mesma, ou por militares, padres e mulheres referidas como *Donas*, ou seja, sujeitos de estatutos sociais elevados. O que impulsiona Ana Marques de Sampaio apadrinhar tais crianças? Por que ela? Cabe ressaltar que não tenho encontrado registro de casamento de Ana Marque de Sampaio, possivelmente possa ter casado em outra Freguesia, ou não, independente disso, ela residiu em Porto Alegre.

Duas explicações historiográficas podem nos ajudar a refletir no caso de Ana Marques de Sampaio, por se tratar de uma família de elite, as crianças expostas na casa de Ana Marques de Sampaio poderiam vir a serem filhos ilegítimos dela mesmo ou de um parente próximo, visto que possa ser solteira ainda nesse período. Segundo Maria Beatriz Nizza da Silva (1993) ter um filho antes do matrimônio ou fruto de uma relação ilícita manchava a honra feminina aos olhos da Igreja e ao julgo moral. Dessa forma a autora salienta que casos como estes podem se tratar dos “falsos expostos”. Ou seja:

(...) os recém nascidos colocados à porta de parentes ou compadres daquela que os dera à luz. A mãe salvaguardava assim sua honra e ao mesmo tempo conhecia o destino da criança, pronta a legitimá-la quando a ocasião fosse para isso propícia. (1993, p. 85).

Entretanto, são apenas nuances de uma pesquisa em andamento, olhares ainda distante do pesquisador em sua análise. De qualquer forma, para Ana Marques de Sampaio, ter recebido e apadrinhado esta quantidade de expostos – o que não era comum- pode lhe servir como um trampolim social, um ato de benevolência e caridade frente à comunidade. Estas crianças podem ter sido criadas por ela, tornando-se agregados, serviçais ou mesmo fazendo parte do grupo familiar assumindo o papel de filho. Renato Pinto Venâncio percebeu que para algumas criadeiras o apadrinhamento de crianças por quem as recebia tinha o seguinte fundamento:

O apadrinhamento servia como um substituto à complicadíssima e burocrática adoção legal. Através do compadrio, o enjeitado ingressava na família [...] estabelecendo relações de parentesco espiritual. Para se ter ideia da abrangência do vínculo basta dizer que todos os parentes do padrinho e da madrinha, colaterais, ascendentes e descendentes, até o quarto grau, passavam a ter oficialmente algum tipo de ligação familiar com a criança. (VENÂNCIO, 2011, p.15)

Apesar desses casos de expostos de Ana Marques de Sampaio, assim como outros que foram apadrinhados por sujeitos de destaque social, os Registros de batismo de Porto Alegre nos mostram que essa não é uma regra geral. Em outras atas de batismos encontramos outros segmentos sociais que não se enquadram na elite já referenciada, apadrinhando crianças expostas. É o caso, por exemplo, de Jezuina transcrito logo abaixo:

Aos doze dias de Dezembro de mil oitocentos e vinte quatro annos nesta Matriz de Nossa Senhora Madre de Deos de Porto Alegre baptizou solemnemente o Reverendo Coadjutor Ignacio Soares Vianna, e poz os Sanctos Oleos a Jezuina exposta aos dous do ditto mez em caza de Maria Antonia guarani, a qual foi Madrinha e Padrinho Antonio Joze. E para constar fiz este assento. (AHCMPA. Livro VI de Batismo) [grifos meus]

A exposta Jesuína que foi abandonada na casa de uma *índia guarani* e não teve madrinha, apenas o padrinho Antonio Joze, ao qual o nome não acompanha nenhum qualitativo. Caso semelhante é do exposto Justiniano que foi abandonado no dia treze de outubro de 1824 e dado a criar por parte da Câmara a Anna Joaquina, *guarani*. Na cerimônia de batismo realizada no dia quatorze de novembro, o exposto Justiniano tem como padrinho Justiniano *pardo escravo* de Dona Maria Joaquina Fernandes Pinheiro e Maria Antonia *crioula forra*.

Aos quatorze dias do mez de Novembro de mil oitocentos e vinte

quatro annos nesta Matriz de Nossa Senhora Madre de Deos de Porto Alegre baptizei solennemente e puz os Sanctos Oleos a Justiniano exposto aos treze de Outubro proximo e dado a criar por parte da Camara a Anna Joaquina, guarani forão Padrinhos Justiniano pardo escravo de Dona Maria Joaquina Fernandes Pinheiro e Maria Antonia crioula forra. E para constar fiz este assento. AHCMIPA. Livro VI de Batismo) [grifos meus]

Nesse caso, o exposto foi dado a criar por parte da Câmara de Vereadores apontando que a *índia guarani* Anna Joaquina poderia ser eventualmente uma criada ama-de-leite e receber algum pecúlio por isso, visto que é - como mencionamos anteriormente - a Câmara responsável pelo custeio dos expostos. Outro fato interessante a ser mencionado é que o exposto Justiniano recebeu o nome do padrinho escravo. O que pode indicar uma aproximação com a criança.⁸ Estes casos nos dão exemplos da complexidade do universo do abandono, em que motivos dos mais variados estavam por de trás deste fenômeno. Dado a complexidade das formas e motivos do abandono, assim também eram as relações de compadrio envolvendo crianças expostas. Os motivos que levavam apadrinhar uma criança exposta também se diversificavam conforme a forma do abandono.

Considerações finais

Os casos explorados aqui serviram de exemplo para mostrar a complexidade do quadro do abandono no passado colonial e Imperial brasileiro. Assim também como foram as relações de compadrio existentes em relação a essas crianças. Toda a sorte de destinos foi lançada aos pequeninos abandonados na Freguesia Madre de Deus de Porto Alegre. Neste sentido quero salientar que essa variedade de realidades existentes no universo da exposição, tiveram diversos fatores condicionantes, causando uma marginalidade (estigma social) em graus variados.

Pois se tudo indica que expostos que foram abandonados em fogos abastados e apadrinhados por famílias de um alto estatuto social, mesmo que se tratava então, de uma “falsa exposição” para salvaguardar a honra feminina e garantir um futuro para a criança. O mesmo não peso que seja para as crianças que foram abandonadas em casa de pardos, forros, escravos e guaranis, ou criados por amas-de-leite em troca de pecúlio. O estigma social de enjeitado podia recair a todos os que foram expostos na Freguesia

⁸ Apesar de ser corriqueiro o padrinho nomear a criança no ato do batismo, entre os expostos não é tão frequente isso acontecer.

Madre de Deus de Porto Alegre, entretanto de graus e intensidades diferentes, pois as oportunidades foram diferentes para cada caso.

Referências

BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario Portuguez, e Latino...*: autorizado com exemplos dos melhores escritores portuguezes, e latinos... Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-1721. 8 v.

COMISSOLI, Adriano. *Os “homens bons” e a Câmara Municipal de Porto Alegre (1767-1808)*. Porto Alegre: Câmara Municipal de Porto Alegre, 2008, p.75.

CONSTITUIÇÕES PRIMEIRAS DO ARCEBISPADO DA BAHIA. Feitas e ordenadas pelo Ilustríssimo e Reverendíssimo Senhor D. Sebastião Monteiro da Vide em 12 de junho de 1707. São Paulo, 1853.

DREHER, Martin N. *A Igreja no Império Romano*. Col. História da Igreja, v. 1. São Leopoldo: Sinodal 1993.

FARINATTI, Luís Augusto Ebling. *Confins meridionais: famílias de elite e sociedade agrária na fronteira meridional do Brasil*. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2010. Disponível em:

http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&coobra=107889. Acesso em 7 set. de 2012.

FRANCO, Renato. Notas sobre os significados religiosos do Batismo. *Varia Historia*, Belo Horizonte, n. 31, p. 41-68, jan. 2004.

GERTZE, Jurema M. *Infância em Perigo: a assistência às crianças abandonadas em Porto Alegre: 1837-1880*. Porto Alegre, 1990. Dissertação (Mestrado em História), Pontifícia Universidade Católica - RS.

HOONAERT, Eduardo. *A igreja no Brasil-Colônia (1550-1880)*. São Paulo: Brasiliense, 3 ed.,1994

KÜHN, Fábio. *Gente da fronteira: família, sociedade e poder no sul da América portuguesa – Século XVIII*. 2006b. 479 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2006b. Disponível em: <http://www.historia.uff.br/stricto/teses/Tese-2006_KUHN_Fabio-S.pdf>. Acesso em: 5 abr. 2012.

MARCÍLIO, Maria Luiza. *História social da criança abandonada*. São Paulo: Hucitec, 1998.

MORAIS SILVA, A. *Diccionario da Língua Portuguesa*. Lisboa: Empreza Litteraria Fluminense, 1798. v. 1.

PARÓQUIA NOSSA SENHORA MADRE DE DEUS (PORTO ALEGRE). *Livros de registros de batismos (1772-1835)*. [manuscrito]. Porto Alegre, 1772-1835. 1-9 v.

Localização: Arquivo Histórico Cúria Metropolitana de Porto Alegre.

RAMOS, Donald. Teias sagradas e profanas: o lugar do batismo e compadrio na sociedade de Vila Rica durante o século do ouro. *Varia Historia*, Belo Horizonte, n. 31, p. 41-68, jan. 2004.

SCOTT, Ana Silvia Volpi; BACELLAR, Carlos Almeida Prado. Crianças abandonadas em áreas sem assistência institucional. In: VENÂNCIO, R. P. (org.). *De Portugal ao Brasil: uma história do abandono de crianças, séculos XVIII-XX*. Belo Horizonte: PUCMG; São Paulo: Alameda, 2010.

SCOTT, Ana Silvia Volpi (et al.) Família, gênero e geração: limites e possibilidades a partir de um estudo sobre o sul da América Portuguesa nos anos Setecentos. In: III Congreso Latinoamericano de Población, 2008, Cordoba. *III Congreso Latinoamericano de Población - La población de América latina y el Caribe: retos en torno de la desigualdad y la diversidad*. Cordoba: Alap Asociación Latinoamericana de Población, 2008.

SILVA, Maria Beatriz Nizza da. *Vida privada e quotidiana no Brasil na época de D. Maria I e D. João VI*. Lisboa: Estampa, 1993.

VENÂNCIO, Renato Pimto. (org.). *De Portugal ao Brasil: uma história do abandono de crianças, séculos XVIII-XX*. Belo Horizonte: PUCMG; São Paulo: Alameda, 2010.

VENÂNCIO, Renato Pimto. Maternidade Negada. In: DEL PRIORE, Mary. (org.) & BASSANEZI, Carla (coordenadora de textos). *Historia das mulheres no Brasil*. 10 ed., 1º reimpressão - São Paulo:Contexto, 2011.